

LAURA BALDINI

UM SONHO
DE BELEZA

Tradução de
Beatriz Cadete

MANHATTAN, NOVA IORQUE

PRIMAVERA DE 1941

A entrada do teatro, avistavam-se longas filas de táxis amarelos a buzinar. O edifício em forma de torre subia em direção ao manto de nuvens, competindo com os arranha-céus à sua volta. Pessoas com vestidos de noite elegantes saíam dos táxis a correr, atravessando a chuva miudinha em direção à porta bem iluminada. Por cima da entrada, havia um sinal luminoso com letras arqueadas: *Paramount*. Abaixo, numa placa emoldurada, podia ler-se a morada: Broadway 1502.

Assim que entravam no átrio seco, os visitantes apressavam-se para o bengaleiro e voltavam a fazer fila – desta vez para deixarem os seus casacos e chapéus. Mulheres envoltas em casacos de pele e chapéus requintados a cobrir as suas mises perfeitas mantinham-se ao lado de homens com fatos pretos.

Estée estava encurralada entre duas mulheres corpulentas, na fila de espera. Sentiu fragrâncias de Dorothy Gray, Elizabeth Arden e Charles Revson, que se misturavam com o suor, o álcool e o aroma a tabaco. A nota do seu próprio perfume, que Estée adicionara ao seu creme de rosto na noite anterior, também se insinuou nesta amálgama colorida que prometia uma noite glamorosa. Os óleos essenciais provinham de plantas simples que cresciam nas praias com margens relvadas de Coney Island, entre dunas de areia e juncos. Estée tinha-as colhido no fim de semana passado. Relembrava com nostalgia essa tarde despreocupada e, apesar do calor na fila de espera, era como se ainda conseguisse sentir a brisa fresca nas suas faces coradas, a acariciar-lhe a pele enquanto observava as ondas calmas do Atlântico a enrolar-se na areia uma e outra vez e...

– É a nossa vez, querida. – A voz de Charles despertou-a dos seus devaneios. Ele ajudou-a a tirar o seu casaco fino e entregou-o à jovem sorridente no bengaleiro, que lhe devolveu um pequeno papel com um número.

– Queres uma taça de champanhe antes de entrarmos no auditório abafado?

Uma escadaria ampla com uma passadeira vermelha levava a um bar com bebidas e petiscos à disposição do público antes do espetáculo e durante os intervalos.

– Sim, por favor. – Estée gostava da bebida chique, servida em copos longos, com pés tão finos que até tinha medo de os partir se os agarrasse com demasiada força. O champanhe era o epítome do luxo e da riqueza e, há poucos anos atrás, Estée teria dado qualquer coisa para apreciar um copo. Agora, já tomava este aperitivo espumante por garantido. Todas as noites que passava fora de casa – e tinham sido várias nos últimos meses – começavam assim.

Charles e Estée aproximaram-se do bar.

– Espera aqui – declarou Charles, conduzindo-a para uma das mesas em frente à janela. Do seu lugar, Estée conseguia observar os outros convidados. Os homens mais ilustres da alta sociedade nova iorquina estavam presentes, a representar o mundo das artes, da economia e da política. A um canto, Hedy Lamarr estava a conversar com Clark Gable. Ao lado dos atores, Estée reconheceu os donos da Bonwit Teller, uma das lojas mais sofisticadas da Quinta Avenida. O edifício era tão emblemático que chegava a ser visitado por pessoas de outros estados, especificamente para admirarem a sua fachada: uma autêntica obra-prima de platina, bronze e alumínio forjado. Estée acenou gentilmente com a cabeça para Walter Bonwit. Tinha uma reunião marcada para a próxima semana com o filho do fundador da loja, para apresentar a sua nova coleção de produtos – uma oportunidade única que Charles lhe arranjava. Seria de esperar que estivesse radiante de felicidade, mas Estée encarou o encontro com uma indiferença impressionante. Talvez fosse a certeza de já ter ganhado o jogo.

Walter Bonwit iria conceder-lhe um ponto de venda, como havia garantido a Charles.

O olhar de Estée avançou para o balcão. Também já se tinha formado uma fila no bar, composta apenas por homens a aguardar pacientemente. Nenhuma mulher pagava bebidas a um homem. Homens que se deixassem convidar por mulheres eram alvos de chacota.

Charles nunca permitiria que Estée pagasse as bebidas. Também fora ele a comprar os bilhetes caríssimos para esta noite. Esperava-os um espetáculo muito especial e, em poucas horas, a sala ficou completamente esgotada. O concerto era de Benny Goodman e a sua banda, mas primeiro tocaria um jovem cantor promissor com uma grande carreira pela frente. Frank Sinatra. Atingira um grande sucesso, no ano passado, com Tommy Dorsey. Estée gostava da música «All or Nothing». Contudo, agora ouvia-a muito pouco porque a melodia melancólica a deixava num estado soturno. Deu por si com os olhos a humedecer enquanto revivia as memórias.

– É a menina Lauder? – Uma jovem com um vestido de noite justo até aos tornozelos aproximou-se de Estée. Usava uma pluma dourada no cabelo, a balançar com um vigor que combinava com a sua forma de falar. Estée não conseguiu evitar olhar para um acessório de moda tão vistoso. Quem se sentasse atrás desta mulher durante o espetáculo passaria a noite toda a ver a pluma, de certeza. – Conhecemo-nos no outro dia, na Saks – balbuciou a mulher. – A sua banca de produtos é magnífica, simplesmente magnífica.

– Fico feliz por saber que gostou. Obrigada!

– Claro que as outras bancas não ficam nada atrás, mas a sua tem algo de especial, e sabe porquê? – Com um olhar expectante, agitou as pestanas postiças, que Estée teria adorado arrancar das suas pálpebras. Como é que uma mulher tão bonita se podia desfigurar daquela forma? O seu rosto era uniforme e esguio, os lábios bem recortados e os olhos de um verde magnífico.

Sem esperar pela resposta de Estée, a mulher prosseguiu:

– Porque é você quem está atrás do balcão, é isso que a distingue. Todos podem ver que os seus produtos funcionam. É a prova viva disso. A personificação da beleza.

– Muito obrigada! – Não era a primeira vez que Estée recebia elogios pela sua aparência.

– Além disso, os seus cremes são acessíveis para todas as mulheres e não custam os olhos da cara. – A desconhecida baixou o tom de voz: – É uma injustiça terrível que apenas as mulheres ricas se possam dar ao luxo da beleza.

– Concordo plenamente – declarou Estée. – Todas temos o direito de destacar um pouco mais a beleza natural que já existe dentro de nós – afirmou, piscando o olho à jovem mulher, que bateu palmas com entusiasmo. Usava luvas pretas compridas que subiam até aos cotovelos.

Num gesto de confidencialidade, inclinou-se para Estée e pigarreou com um ar embaraçado:

– Será que me podia dar um pequeno conselho? Quero parecer particularmente bonita esta noite. – Baixando mais a voz: – Estou acompanhada por um homem que gostaria de impressionar.

Estée hesitou. Era evidente que a jovem mulher passara horas em frente ao espelho a arranjar o cabelo até o deixar perfeito e a maquilhar-se. Ainda assim, parecia nervosa. A última coisa de que precisava era de conselhos para a desorientar ainda mais.

– Está deslumbrante – observou Estée.

– Acha mesmo? – Este simples comentário fê-la endireitar a postura e os ombros. – De qualquer modo, poderia dar-me uns últimos retoques? Reparei na forma como aconselhou as outras clientes na Saks.

Estée hesitou. Esta mulher parecia confiar bastante na sua opinião.

– Se quiser, posso dar-lhe uma ajudinha num instante.

– Muito obrigada! – A jovem expirou de alívio.

– Mas é apenas para a deixar descansada – atalhou Estée –, porque já está lindíssima. – Pousou a mala na mesa, abriu-a e retirou o seu *blush*, um pó cor-de-rosa claro num pequeno frasco de vidro.

– Assim terá um pouco de brilho em cada bochecha. – Estée desenroscou a tampa e entregou o frasco à mulher, que lhe perguntou com embaraço:

– Será que podia...? – A jovem lançou um olhar furtivo por cima do ombro, o que fez com que a pluma deslizasse mais para a testa, soltando as pestanas postiças do olho esquerdo. – Oh, não! – Confusa, levou uma mão ao rosto e começou a pestanejar freneticamente. Estée receou que ela começasse a chorar e esborratasse o seu delineado por completo.

– Está tudo bem – tranquilizou Estée. Colocou a mão no antebraço da desconhecida e virou-a na direção do cortinado para que ninguém a visse.

– Posso tirar a sua pluma? Para poder aplicar o *blush*?

– Sim, por favor. Faça tudo o que puder.

Estée apressou-se a retirar a pluma do cabelo da mulher, descolou as pestanas da outra pálpebra e usou um lenço para limpar os resíduos de cola. De seguida, aplicou o *blush* delicadamente nas suas maçãs do rosto, espalhando a cor com as pontas dos dedos. Deu um passo atrás e sentiu-se feliz com o que viu.

– Quer dar uma olhadela? – Estée remexeu na sua mala para retirar um pequeno espelho, que entregou à mulher. Um sorriso imediato espalhou-se pelo seu rosto jovem.

– A menina Lauder é um génio. Estou muito bonita.

– Você é muito bonita – corrigiu Estée. – Todas as mulheres o são, apenas têm de o encontrar. E os produtos certos também ajudam.

– Poderia vender-me o seu pó?

– Claro – riu-se Estée. – Amanhã às dez, na Saks da Quinta Avenida.

– Lá estarei.

Estée deteve-a.

– A senhora não se deve sentir bonita apenas numa noite, mas em todos os dias da sua vida – aconselhou. – E nunca por um homem, mas por si mesma.

– Desculpe?

– Vale a pena cuidar de si. E irá sentir-se melhor a cada dia que passa. Vá por mim.

Após uma curta hesitação, a jovem despediu-se com um sorriso. De cabeça erguida, regressou para o seu par.

– Não me digas que acabaste de fazer mais uma das tuas consultas de beleza. – Charles, que tinha observado a cena a alguns metros de distância, aproximava-se agora para entregar um copo de champanhe a Estée. Pequenas bolhas subiam pelo copo esguio.

– Aquela mulher reconheceu-me – desculpou-se Estée. – Queria um conselho rápido meu.

– A forma como te empenhas na tua marca é louvável. Admiro-te por isso – afirmou Charles –, mas o Teatro Paramount não é um local apropriado para uma consulta de beleza.

– Não existem locais inapropriados para isso – contrariou Estée. – Ainda há pouco vendi dois boiões do meu creme no elevador.

– A sério? – perguntou Charles de olhos arregalados. De seguida, levou o copo aos lábios. O seu fato feito à medida e a camisa elegante ficavam-lhe muito bem. Tinha o cabelo meticulosamente penteado para trás com cera, sem uma única madeixa no sítio errado. Curiosamente, Estée desejava que pelo menos uma estivesse desalinhada. O seu bigode moderno também estava aparado na perfeição. Será que dormiu com um daqueles protetores de bigode?

– Oh, o Mike e o Benjamin Raven estão ali ao fundo – observou Charles. – Vou dar-lhes uma palavrinha.

– Vai lá – declarou Estée. – Sou uma mulher crescida, também me oriento sozinha.

– Não me vou demorar. Ou gostavas de vir comigo? Preciso de falar com eles sobre uma produção do próximo outono.

Estée fez sinal para que ele fosse.

– Não, vai lá. Vou ficar aqui a observar as pessoas, também pode ser muito divertido.

– Estás mesmo a falar a sério?

– Estou, a sério. Não penses mais nisso. Vem buscar-me antes do início do espetáculo.

Charles enviou-lhe um beijo com a mão e avançou pelo salão com confiança. O seu andar revelava a forma como a vida o tratava bem.

Charles Moskovitz era gerente da Metro-Goldwyn-Mayer, uma das produtoras cinematográficas mais famosas da América. O leão a rugir no início de cada filme era conhecido por qualquer pessoa que já tivesse ido ao cinema.

Estée bebericava o seu champanhe e observava os olhares que Charles atraía, tanto de mulheres como de homens. Elas admiravam-no e adoravam-no. Eles desejavam que Charles desaparecesse ou saísse da sala de uma vez por todas. Estée debateu-se por instantes. Será que o devia ter acompanhado? Cada novo conhecido podia ser valioso. Novos contactos com pessoas influentes seriam úteis para o seu negócio de certeza. São precisos muitos bons amigos para nos ajudar. Nos anos anteriores, Estée tinha criado uma rede de conhecidos que a apoiavam. Mas não era isso que lhe apetecia fazer hoje.

Estée tinha tudo o que sempre desejara e estava num excelente caminho para se tornar ainda mais bem-sucedida. Com esforço e resiliência, conseguiria chegar ao topo. No entanto, o esperado sentimento de felicidade não se estava a concretizar esta noite. O champanhe estava mole. Nem sequer a mistura do seu novo creme tinha sido capaz de a animar, embora tivesse havido uma altura na sua vida em que não poderia ter imaginado nada melhor...

QUEENS, NOVA IORQUE

OUTONO DE 1922

Esty estava debruçada sobre o seu caderno há duas horas, mas com pouco sucesso. Além do título, ainda não tinha escrito nada no papel. A caligrafia simples, a azul-claro, contrastava com o papel branco imaculado de forma acusadora. A luz outonal pintava pontos brilhantes na mesa. Pequenas partículas de pó dançavam à luz do sol. Em vez de escrever o seu relatório sobre o romance *A Cabana do Pai Tomás*, de Harriet Beecher-Stowe, Esty preferiu folhear a revista da mãe. A nova edição da *Woman's Home Companion* estava aberta à sua frente. Neste número, as leitoras poderiam saber que casacos de inverno comprar para fazer boa figura num passeio de compras pela cidade. Também havia dicas para penteados curtos, um artigo sobre atrizes, e ainda receitas de bolos opulentos para o Dia de Ação de Graças. Esty passou a última parte à frente e saltou para os desenhos de moda. O casaco vermelho-escuro era um sonho. Infelizmente, seria um balúrdio, de certeza. Nunca na vida conseguiria convencer os pais a comprar uma peça tão valiosa.

Esty suspirou. Quando fosse crescida, iria ganhar tanto dinheiro que poderia comprar os vestidos mais bonitos das boutiques mais requintadas de Manhattan. Um dia, estaria debaixo dos holofotes da Broadway a encantar o público. Atuaria em peças de Oscar Wilde e Floyd Dell. Ou numa adaptação teatral da *Cabana do Pai Tomás*. Tinha gostado de ler o livro. Não teria problema nenhum em resumir o conteúdo da obra para a turma no dia seguinte, afinal, era uma oradora talentosa. Não conseguia compreender a insistência do Sr. Stringer, o professor de literatura inglesa, para também resumir o livro por escrito. Era uma completa perda de tempo, e preferiu retomar a leitura da revista.

Esty devorou o artigo sobre as atrizes. Mary Pickford estava a sorrir para ela. A sua pele branca de porcelana era perfeita. Como será que o conseguia? Esty aproximou a revista do seu rosto. Não havia dúvidas de que a foto era verdadeira. Aquela atriz era o epítome da beleza.

Com um ar sonhador, voltou a baixar o papel. Imaginou-se no palco, com um vestido branco magnífico, de tirar o fôlego, a fazer várias vénias diante de um público que não parava de a aplaudir. Esty conseguia ficar imersa nos seus sonhos durante horas.

Com relutância, empurrou a revista para o lado. Agora tinha o caderno da escola de novo à sua frente, mas não conseguia escrever nada. Em vez disso, percorreu o jardim com o olhar. A sua secretária ficava num pequeno recanto do sótão. Dali, conseguia ver o terraço dos vizinhos e o terreno muito romântico que o seu pai comprara há anos. Via ainda um cemitério antigo, onde passara vários dias da sua infância, despreocupada, com a sua irmã Renee, entre louros-cerejeiros e rosas silvestres. Agora, no outono, a paisagem delicada das montanhas fazia lembrar uma pintura de cores vivas, como se um artista entusiasmado tivesse pegado na sua paleta e começado a juntar habilmente as cores. As ásteres floresciam num violeta profundo, a folhagem refletia todos os tons de laranja e amarelo, e as roseiras nos arbustos conferiam toques leves de vermelho. Esty adorava todas as estações do ano, mas tinha um carinho especial pelo outono. O ar ficava carregado dos aromas ricos da fruta madura. Parecia que a natureza queria garantir que ninguém se esquecia da sua diversidade durante os meses áridos do inverno. Assim, como se de um último protesto se tratasse, apresentava toda a sua beleza antes de hibernar, apenas para voltar a encantar as pessoas com os seus novos aromas delicados na primavera.

Esty abriu a janela de madeira caiada de branco à frente da sua secretária e inspirou o ar quente do fim do verão. Teria gostado de pegar num frasco de marmelada vazio na cozinha e guardar esta mistura deliciosa de aromas. O seu tio John tinha cortado a relva com uma gadanha naquela manhã. Onde estaria ele agora? Será

que estava a realizar mais uma das suas experiências no barracão? Ao pensar nisso, Esty ficou mais bem-humorada. Num gesto decidido, fechou o caderno e pô-lo de lado.

Na capa, lia-se *Esther Mentzer*. O funcionário do registo civil não tinha reconhecido o nome húngaro Esty, por isso limitou-se a registar uma Esther americana na certidão de nascimento, o que não impediu a sua família de lhe chamar Esty, como sempre planearam fazer.

A composição podia ficar para mais logo. Ainda teria tempo naquela noite e, no pior dos casos, podia rabiscar uma frase ou duas amanhã de manhã, ao pequeno-almoço. Agora, queria procurar o seu tio John.

Saiu do sótão de bom humor, fechando a porta com demasiada força atrás de si, e desceu as escadas até ao rés-do-chão cheia de expectativa. Desceu os últimos três degraus com um único salto. Ainda bem que a sua mãe não a viu, porque iria apenas repreender a obstinação da filha. Esty saiu para o jardim pela porta das tra-seiras, passou pelos canteiros de flores e parou um momento para inspirar o perfume inebriante da erva-doce e das rosas de floração tardia. Depois, avançou para o barracão, a casinha de madeira pintada de azul-claro num dos cantos ao fundo do jardim. A tinta estava a escamar em alguns lugares e as ripas precisavam de mais uma demão de tinta.

Esty bateu à porta, esperou pelo «Entre!» arrastado e depois abriu a porta. As dobradiças enferrujadas rangeram. Demorou algum tempo até se habituar à penumbra dentro do barracão, onde se deparou com cheiros completamente diferentes. Fechou os olhos para absorver cada nuance. Óleo de amêndoa misturado com patchouli e cera de abelha. Manteiga de carité com óleo de abacate. As paredes da divisão baixa estavam forradas até ao teto com prateleiras a abarrotar de frascos, boiões e latas. Cada um continha plantas secas, vários líquidos e pós, todos com uma etiqueta colada. Esty adorava percorrer as fileiras e ler todos os nomes exóticos que pareciam trava-línguas.

O tio John estava no meio do barracão, diante de uma mesa de madeira onde tinha sido colocado um aparelho de destilação.

– Mas que boa surpresa, Esty – afirmou no seu sotaque áspero germano-checo. Distorcia as palavras de tal forma que era preciso prestar atenção para perceber que estava a falar inglês. Na verdade, Esty não gostava de ser lembrada das origens da sua família, mas adorava o tio e perdoava todas as suas falhas, incluindo a sua pronúncia caprichosa. – Já terminaste os trabalhos de casa? – O tio virou-se para ela. Estava a agitar um frasco de vidro com a mão direita, onde uma substância espessa balançava para trás e para a frente. A mistura era composta por duas camadas de cores diferentes. Tinha uma bata branca vestida, como era seu costume sempre que trabalhava no seu «laboratório».

Na sua antiga terra natal, quando ainda se chamava Johann Schotz, fora sócio de uma pequena farmácia na cidade de Böhmen, de cujos modestos rendimentos nem ele nem o seu sócio conseguiram viver. Quando os tambores de guerra começaram a soar e toda a Europa foi engolida pelas chamas, Johann tomou uma decisão. Seguiu a irmã para a América, antes que o imperador austríaco o pudesse chamar para a frente da batalha, onde teria encontrado uma morte sem sentido junto de outros milhares de homens. Desde então partilhava o teto com Esty, a sua irmã Renee e os seus pais. Os seus seis irmãos mais velhos, filhos do primeiro casamento da mãe, já tinham saído de casa.

O tio John aguardava uma resposta da sobrinha, observando-a com interesse por cima da armação metálica dos seus óculos pequenos.

– Precisava de uma pausa da escrita – explicou Esty, omitindo o facto de que o seu caderno continuava vazio. Aproximou-se da mesa de madeira para admirar os potes e os frascos.

– É uma honra que queiras passar o teu tempo livre comigo. – O tio John sorriu de soslaio. – E que tal uma pequena aula de um velho farmacêutico?

– Sim, por favor! – Na semana anterior, o tio John explicara-lhe como se realizava um extrato de óleo para retirar as principais substâncias ativas das plantas medicinais, que eram depois necessárias para o processamento de pomadas curativas.